

## **Reflexão da Competência 10**

### **Análise e Produção de Pesquisa**

#### **Análise e Produção de Pesquisa: fundamentos, rigor e integração metodológica**

A análise e a produção de pesquisa constituem o núcleo do fazer científico e representam um processo sistemático, reflexivo e ético por meio do qual o conhecimento é construído, validado e comunicado à comunidade acadêmica e à sociedade. Na literatura contemporânea, esses processos são amplamente compreendidos não como etapas lineares e estanques, mas como um ciclo iterativo e dinâmico, no qual problematização teórica, desenho metodológico, coleta e análise de dados, interpretação e comunicação dos resultados se retroalimentam continuamente (Creswell & Creswell, 2018).

Essa concepção marca um afastamento progressivo de modelos positivistas estritos, que concebiam a pesquisa como um percurso linear orientado exclusivamente por neutralidade e objetividade, e aponta para a consolidação de abordagens mais integrativas, contextuais e interpretativas, especialmente no campo das Ciências Sociais e Humanas. Conforme afirmam Creswell e Creswell (2018), “a pesquisa é um processo cíclico no qual o pesquisador avança e retrocede entre as etapas, refinando continuamente questões, métodos e interpretações à luz dos dados e da teoria” (p. 31).

#### **Fundamentos epistemológicos e coerência metodológica**

No cerne da análise e produção de pesquisa está a necessidade de coerência epistemológica, entendida como o alinhamento entre pressupostos

ontológicos, epistemológicos, metodológicos e analíticos. Saunders, Lewis e Thornhill (2019) destacam que decisões metodológicas não são neutras, mas refletem concepções sobre a natureza da realidade, do conhecimento e da relação entre pesquisador e objeto investigado. Segundo os autores, “toda escolha metodológica implica uma visão específica de como o conhecimento pode ser produzido e validado” (Saunders et al., 2019, p. 128).

Nesse sentido, a produção de pesquisa exige clareza quanto ao paradigma adotado — positivista, interpretativista, construtivista, crítico ou pragmático —, pois esse paradigma orienta tanto os procedimentos de análise quanto os critérios de rigor e validade. Tashakkori e Teddlie (2010), ao defenderem o pragmatismo metodológico, argumentam que a qualidade da pesquisa deve ser avaliada pela adequação dos métodos às questões investigadas, e não pela fidelidade a dicotomias metodológicas rígidas. Para os autores, “o critério central da pesquisa é sua capacidade de produzir respostas úteis, rigorosas e teoricamente informadas” (Tashakkori & Teddlie, 2010, p. 13).

### **Análise de dados como processo interpretativo**

A literatura contemporânea converge ao afirmar que a análise de dados, especialmente na pesquisa qualitativa, é essencialmente um processo interpretativo. Braun e Clarke (2021) enfatizam que analisar dados não significa simplesmente identificar temas “presentes” no material empírico, mas construir interpretações analíticas relevantes à luz das questões de pesquisa. Conforme afirmam, “a análise não é descoberta, mas produção ativa de significado pelo pesquisador” (Braun & Clarke, 2021, p. 35).

De forma convergente, Saldaña (2016) argumenta que a codificação qualitativa deve ser compreendida como um processo heurístico e reflexivo, no qual o pesquisador dialoga continuamente com os dados, a teoria e os objetivos do estudo. Para o autor, “codificar é mais do que organizar dados; é um ato interpretativo que impulsiona o pensamento analítico” (Saldaña, 2016, p. 9). Essa compreensão reforça a ideia de que a análise não é uma etapa mecânica, mas um espaço privilegiado de construção teórica.

A análise de conteúdo, amplamente difundida a partir dos trabalhos de Bardin, permanece relevante nesse contexto, sobretudo pela sua capacidade de articular descrição sistemática e inferência interpretativa. Bardin (2016) define a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, indicadores que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens” (p. 44). Releituras contemporâneas, entretanto, enfatizam que tais procedimentos devem ser aplicados com flexibilidade interpretativa, evitando reducionismos excessivamente quantitativos.

### **Integração metodológica e produção de conhecimento**

A integração entre diferentes métodos e fontes de dados tem se consolidado como uma tendência relevante na análise e produção de pesquisa. As abordagens de métodos mistos buscam superar dicotomias tradicionais, articulando profundidade interpretativa e amplitude analítica. Creswell e Plano Clark (2018) defendem que a integração metodológica possibilita uma compreensão mais robusta de fenômenos complexos, desde que haja clareza

quanto aos pontos de conexão entre dados qualitativos e quantitativos. Para os autores, “a integração é o coração da pesquisa de métodos mistos” (Creswell & Plano Clark, 2018, p. 75).

Entretanto, a literatura enfatiza que a integração metodológica exige planejamento rigoroso, explicitação das decisões analíticas e transparência nos procedimentos adotados. A análise e a produção de pesquisa, nesse sentido, deixam de ser entendidas como aplicação de técnicas isoladas e passam a ser concebidas como um processo articulado de construção de conhecimento, no qual teoria, dados e interpretação dialogam continuamente.

### **Produção científica como prática reflexiva e comunicativa**

Por fim, a produção de pesquisa culmina na comunicação científica, etapa indissociável da análise. Booth, Colomb e Williams (2016) destacam que escrever pesquisa é parte do próprio processo analítico, pois a escrita obriga o pesquisador a organizar argumentos, explicitar pressupostos e refinar interpretações. Segundo os autores, “escrever não é apenas relatar o que foi descoberto, mas descobrir o que se tem a dizer” (Booth et al., 2016, p. 40).

Belcher (2019) reforça que a produção acadêmica de qualidade exige clareza argumentativa, domínio das convenções científicas e compromisso com a contribuição teórica do estudo. Assim, a análise e a produção de pesquisa configuram-se como práticas inseparáveis, nas quais rigor metodológico, reflexão crítica e comunicação clara se integram na geração de conhecimento científico relevante.

À luz da literatura contemporânea, a análise e a produção de pesquisa podem ser compreendidas como um processo integrado, reflexivo e iterativo,

no qual rigor metodológico, coerência epistemológica e relevância social se articulam de forma indissociável. Produzir pesquisa de qualidade implica não apenas dominar métodos e técnicas, mas desenvolver postura reflexiva, sensibilidade ética e compromisso com a construção de conhecimento capaz de dialogar com a teoria, informar a prática e responder aos desafios complexos do mundo contemporâneo.

### **Desenho de pesquisa e coerência metodológica**

A produção de pesquisa inicia-se com a delimitação rigorosa do problema, a formulação de objetivos claros e a construção de questões de investigação teoricamente informadas. Esses elementos não constituem apenas uma etapa preliminar, mas o eixo estruturante de todo o desenho metodológico, pois orientam as decisões subsequentes relativas ao paradigma epistemológico, à estratégia de pesquisa, aos métodos de coleta e aos procedimentos de análise. A literatura contemporânea enfatiza que a fragilidade conceitual nessa etapa inicial compromete a consistência interna do estudo e limita a validade interpretativa dos achados.

Creswell e Creswell (2018) sustentam que a qualidade de uma pesquisa depende fundamentalmente da coerência entre pressupostos epistemológicos, estratégias metodológicas e procedimentos analíticos. Para os autores, métodos qualitativos, quantitativos e mistos respondem a lógicas investigativas distintas, ancoradas em diferentes concepções de realidade e de conhecimento. Conforme afirmam, “o desenho de pesquisa é o plano ou proposta que conecta questões de pesquisa a dados empíricos e às estratégias de análise” (Creswell & Creswell, 2018, p. 50). Assim, a escolha

metodológica deve ser orientada pelo problema de pesquisa e não por preferências técnicas ou modismos acadêmicos.

Nesse sentido, o rigor científico deixa de ser compreendido como adesão a um método específico e passa a ser definido pela consistência interna do projeto, pela clareza das decisões metodológicas e pela adequação dos procedimentos ao fenômeno investigado. Creswell e Creswell (2018) enfatizam que pesquisas de qualidade apresentam alinhamento explícito entre problema, objetivos, questões, métodos e análise, evitando incoerências epistemológicas que fragilizam a interpretação dos resultados. Tal alinhamento é particularmente relevante em pesquisas qualitativas e mistas, nas quais a flexibilidade metodológica exige maior transparência analítica.

Autores como Saunders, Lewis e Thornhill (2019) reforçam essa compreensão ao destacar que a produção de pesquisa envolve uma série de decisões metodológicas interdependentes, que devem ser tomadas de forma consciente, explícita e justificada. Os autores propõem a metáfora da *research onion* para ilustrar como o desenho de pesquisa se estrutura em camadas — filosofia de pesquisa, abordagem, estratégia, escolha metodológica, horizonte temporal e técnicas de coleta e análise de dados. Segundo os autores, “cada decisão metodológica influencia as demais e deve ser coerente com o propósito geral do estudo” (Saunders et al., 2019, p. 128).

A clareza quanto ao tipo de pesquisa (exploratória, descritiva, explicativa), às estratégias adotadas (estudo de caso, survey, pesquisa narrativa, etnografia, entre outras) e às técnicas de coleta de dados (entrevistas, questionários, observação, documentos) constitui condição essencial para a credibilidade e a confiabilidade dos achados. Saunders et al.

(2019) argumentam que a ausência de justificativas claras para essas escolhas compromete a replicabilidade analítica e dificulta a avaliação crítica do estudo por outros pesquisadores.

No campo da pesquisa qualitativa, a coerência metodológica assume relevância ainda maior, uma vez que a proximidade entre pesquisador e objeto investigado exige reflexividade epistemológica. Lincoln e Guba (1985) destacam que a credibilidade da pesquisa qualitativa depende da transparência com que o pesquisador explicita suas escolhas metodológicas, seus pressupostos interpretativos e seus procedimentos analíticos. Para os autores, “a coerência entre o desenho da pesquisa e os critérios de qualidade adotados é condição indispensável para a confiança nos resultados” (Lincoln & Guba, 1985, p. 290).

A literatura contemporânea também enfatiza que o desenho de pesquisa deve ser compreendido como um processo flexível e iterativo, especialmente em estudos qualitativos e de métodos mistos. Creswell e Plano Clark (2018) observam que, embora o desenho forneça uma estrutura inicial, ajustes metodológicos podem ser necessários à medida que o pesquisador interage com o campo e com os dados. Contudo, tais ajustes não devem comprometer a coerência epistemológica do estudo, mas ser explicitados e justificados como parte do processo analítico.

Além disso, o avanço das abordagens de métodos mistos reforça a importância do desenho de pesquisa como elemento integrador. Tashakkori e Teddlie (2010) argumentam que a integração entre métodos qualitativos e quantitativos exige planejamento cuidadoso e clareza quanto aos pontos de conexão entre diferentes tipos de dados. Para os autores, “a força dos métodos

mistos reside na capacidade de integrar perspectivas analíticas distintas de forma coerente e complementar” (Tashakkori & Teddlie, 2010, p. 13). Essa integração só é possível quando o desenho de pesquisa explicita claramente o papel de cada método no alcance dos objetivos do estudo.

Em síntese, a literatura contemporânea converge para a compreensão de que o desenho de pesquisa e a coerência metodológica constituem fundamentos centrais da análise e produção de pesquisa. Um desenho metodológico sólido não apenas orienta a coleta e a análise dos dados, mas também sustenta a credibilidade científica, a consistência interpretativa e a relevância teórica do estudo. Produzir pesquisa de qualidade implica, portanto, articular de forma consciente e reflexiva problema, teoria, método e análise, assegurando que cada decisão metodológica contribua de maneira coerente para a construção do conhecimento científico.

### **Análise de dados e construção de sentido**

No campo da análise de dados, especialmente na pesquisa qualitativa, a literatura contemporânea converge ao afirmar que analisar não se limita à organização, classificação ou sumarização de informações empíricas, mas envolve um processo interpretativo profundo de construção de sentido teórico a partir dos dados. Essa compreensão rompe com concepções tecnicistas da análise e enfatiza seu caráter epistemológico, reflexivo e criativo. A análise passa a ser entendida como o espaço privilegiado no qual dados empíricos são transformados em conhecimento científico.

Braun e Clarke (2021), ao desenvolverem a análise temática como abordagem metodológica, afirmam que a análise é um processo ativo, no qual



o pesquisador identifica, constrói e interpreta padrões de significado relevantes para responder às questões de pesquisa. Segundo as autoras, “os temas não simplesmente emergem dos dados; eles são produzidos pelo pesquisador por meio de um envolvimento teórico e reflexivo com o material empírico” (Braun & Clarke, 2021, p. 35). Essa afirmação explicita que a análise é sempre um ato teórico, pois envolve escolhas interpretativas ancoradas em pressupostos epistemológicos e referenciais conceituais.

Nessa perspectiva, a análise de dados exige do pesquisador uma postura reflexiva contínua, na qual dados, teoria e questões de pesquisa dialogam de forma dinâmica. Braun e Clarke (2021) enfatizam que a transparência quanto às decisões analíticas — como critérios de codificação, definição de temas e processos de interpretação — constitui elemento central do rigor metodológico. Para as autoras, a qualidade da análise está menos associada à aplicação mecânica de procedimentos e mais à coerência entre dados, interpretação e arcabouço teórico.

De modo convergente, Saldaña (2016) reforça que a codificação qualitativa não deve ser compreendida como uma etapa meramente técnica ou preliminar, mas como um processo analítico criativo e reflexivo. O autor define a codificação como “a transição crucial entre a coleta de dados e a análise aprofundada” (Saldaña, 2016, p. 9). Para Saldaña, codificar implica atribuir significado aos dados, sintetizando ideias e estabelecendo relações conceituais que impulsionam o pensamento analítico. Assim, a codificação constitui um exercício intelectual no qual o pesquisador interpreta, compara, questiona e reconstrói continuamente suas compreensões.

Saldaña (2016) destaca ainda que a análise qualitativa ocorre em múltiplos ciclos, nos quais códigos iniciais são refinados, agrupados e reinterpretados à luz da teoria e dos objetivos do estudo. Esse movimento iterativo reforça a ideia de que a análise não é linear, mas um processo recursivo de aproximação progressiva do fenômeno investigado. Conforme afirma o autor, “a análise qualitativa é tanto sistemática quanto interpretativa, exigindo disciplina metodológica e imaginação analítica” (Saldaña, 2016, p. 14).

A análise de conteúdo, amplamente difundida a partir dos trabalhos de Bardin, permanece como uma abordagem relevante na pesquisa contemporânea, especialmente em contextos que demandam categorização rigorosa e inferência interpretativa. Bardin (2016) define a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, visando à inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens” (p. 44). Essa definição evidencia a articulação entre descrição sistemática e interpretação inferencial.

Entretanto, releituras contemporâneas da análise de conteúdo enfatizam que sua aplicação não deve ser reduzida a procedimentos quantitativos de contagem ou classificação superficial. Autores contemporâneos defendem que a análise de conteúdo deve ser compreendida como um processo flexível e interpretativo, capaz de integrar descrição, categorização e análise teórica. Nesse sentido, a análise de conteúdo dialoga com abordagens interpretativas ao reconhecer que o significado não está

apenas no texto, mas é construído na interação entre pesquisador, dados e contexto.

A literatura contemporânea também destaca a importância da reflexividade do pesquisador no processo de análise. Lincoln e Guba (1985) argumentam que o pesquisador é o principal instrumento de análise na pesquisa qualitativa, o que exige consciência crítica sobre seus pressupostos, valores e posicionamentos. Para os autores, “a qualidade da análise depende da capacidade do pesquisador de tornar explícitas suas escolhas interpretativas e de demonstrar como chegou às suas conclusões” (Lincoln & Guba, 1985, p. 290). Essa reflexividade contribui para a credibilidade e a transparência analítica do estudo.

Além disso, o avanço dos softwares de apoio à análise qualitativa (como Atlas.ti, NVivo e MAXQDA) tem ampliado as possibilidades de organização e sistematização dos dados, mas a literatura alerta que tais ferramentas não substituem o trabalho interpretativo do pesquisador. Knaflie (2020) e Saldaña (2016) enfatizam que os softwares auxiliam na gestão dos dados, mas o sentido analítico é sempre produzido pelo pesquisador, por meio de decisões teóricas e interpretativas conscientes.

Em síntese, a análise de dados e a construção de sentido configuram-se como o coração do processo de pesquisa, no qual dados empíricos são transformados em conhecimento científico por meio de interpretação teoricamente informada, sistematização rigorosa e reflexão crítica. A literatura contemporânea converge para a compreensão de que analisar é um ato epistemológico, criativo e ético, que exige equilíbrio entre método e interpretação, disciplina analítica e sensibilidade teórica. Produzir sentido a

partir dos dados implica, portanto, assumir a análise como um processo ativo de diálogo entre empiria, teoria e contexto, essencial para a produção de pesquisa científica de qualidade.

### **Rigor científico, validade e qualidade da pesquisa**

A discussão sobre rigor científico, validade e qualidade ocupa posição central na análise e produção de pesquisa, especialmente no campo das Ciências Sociais e Humanas, onde a complexidade dos fenômenos investigados desafia modelos tradicionais de validação do conhecimento. A literatura contemporânea reconhece que os critérios positivistas clássicos — como validade interna, validade externa, confiabilidade e objetividade —, embora relevantes em determinados contextos quantitativos, mostram-se insuficientes para capturar a natureza interpretativa, contextual e relacional da pesquisa qualitativa.

Em resposta a essas limitações, Lincoln e Guba (1985) propõem um conjunto de critérios alternativos de qualidade científica, conhecidos como critérios de confiabilidade (*trustworthiness*), que incluem credibilidade, transferibilidade, dependabilidade e confirmabilidade. Esses critérios representam uma mudança paradigmática ao deslocar o foco da validação estatística para a consistência interpretativa, transparência metodológica e fidelidade ao contexto empírico. Segundo os autores, “o objetivo da pesquisa qualitativa não é a generalização estatística, mas a produção de interpretações plausíveis, consistentes e fundamentadas no contexto estudado” (Lincoln & Guba, 1985, p. 290).

A credibilidade refere-se ao grau em que os achados da pesquisa são reconhecidos como plausíveis e representativos da experiência dos participantes. Para Lincoln e Guba (1985), estratégias como engajamento prolongado no campo, triangulação de dados, validação por participantes (*member checking*) e descrição densa contribuem para fortalecer a credibilidade dos resultados. A transferibilidade, por sua vez, não implica generalização no sentido positivista, mas a possibilidade de que os achados sejam aplicáveis a outros contextos semelhantes, a partir de descrições ricas e contextualizadas que permitam ao leitor julgar a pertinência das inferências.

A dependabilidade diz respeito à consistência do processo de pesquisa ao longo do tempo, exigindo documentação clara e auditável das decisões metodológicas e analíticas. Já a confirmabilidade busca assegurar que os achados sejam derivados dos dados empíricos e não de predisposições ou vieses não explicitados do pesquisador. Nesse sentido, Lincoln e Guba (1985) destacam a importância de trilhas de auditoria (*audit trails*) e da reflexividade como mecanismos de garantia da qualidade científica.

Ampliando essa discussão, Tracy (2020) propõe os chamados “critérios de grande tenda” (*big-tent criteria*) para a avaliação da qualidade da pesquisa qualitativa, oferecendo uma abordagem mais holística e contemporânea. Segundo a autora, a excelência da pesquisa qualitativa deve ser avaliada a partir de múltiplas dimensões inter-relacionadas, incluindo coerência metodológica, contribuição teórica significativa, relevância ética, reflexividade do pesquisador, transparência analítica, impacto social e qualidade estética da apresentação. Tracy argumenta que “a qualidade da pesquisa qualitativa não reside apenas na precisão técnica, mas na sua

capacidade de produzir conhecimento significativo, ético e útil” (Tracy, 2020, p. 10).

A coerência metodológica, nesse contexto, refere-se ao alinhamento claro entre paradigma epistemológico, questões de pesquisa, métodos de coleta e estratégias de análise. Tracy (2020) enfatiza que inconsistências entre essas dimensões fragilizam a interpretação dos achados, independentemente da sofisticação técnica empregada. A relevância ética amplia a noção tradicional de ética em pesquisa ao considerar não apenas o cumprimento de protocolos formais, mas o impacto relacional da pesquisa sobre participantes, comunidades e públicos envolvidos.

Outro aspecto central da qualidade científica contemporânea é a reflexividade do pesquisador, compreendida como a capacidade de reconhecer, explicitar e problematizar a influência de suas posições, valores e pressupostos no processo de pesquisa. Finlay (2002) argumenta que a reflexividade não compromete o rigor científico, mas o fortalece, ao tornar visíveis os processos interpretativos que sustentam os achados. Para a autora, “a reflexividade oferece transparência e profundidade à análise, permitindo uma compreensão mais honesta e rigorosa do processo de produção do conhecimento” (Finlay, 2002, p. 212).

A literatura contemporânea também destaca que a qualidade da pesquisa deve ser avaliada em função de sua contribuição teórica e relevância social. Tracy (2020) sustenta que pesquisas de excelência são aquelas que ampliam o entendimento teórico de um fenômeno e, ao mesmo tempo, dialogam com questões socialmente relevantes, oferecendo insights que

possam informar políticas, práticas ou debates públicos. Essa perspectiva aproxima o rigor científico da responsabilidade social da pesquisa.

Em síntese, a literatura contemporânea converge para uma compreensão ampliada de rigor científico, validade e qualidade da pesquisa, na qual critérios técnicos, éticos e interpretativos se articulam de forma indissociável. O rigor deixa de ser entendido como mera conformidade a protocolos metodológicos e passa a ser concebido como um compromisso reflexivo com a coerência epistemológica, a transparência analítica e a relevância social do conhecimento produzido. Assim, produzir pesquisa de qualidade implica não apenas dominar técnicas e métodos, mas assumir uma postura crítica, ética e reflexiva ao longo de todo o processo investigativo.

### **Métodos mistos e integração analítica**

A literatura contemporânea tem destacado de forma consistente o crescimento e a consolidação das abordagens de métodos mistos, que integram dados qualitativos e quantitativos em um mesmo desenho de pesquisa. Tal movimento reflete o reconhecimento de que muitos fenômenos sociais, organizacionais e educacionais são intrinsecamente complexos, não podendo ser plenamente compreendidos a partir de uma única tradição metodológica. Nesse sentido, os métodos mistos emergem como uma resposta epistemológica e metodológica às limitações das abordagens exclusivamente qualitativas ou quantitativas.

Creswell e Plano Clark (2018) definem a pesquisa de métodos mistos como aquela que envolve a coleta, análise e integração de dados qualitativos e quantitativos em um único estudo, com o objetivo de obter uma compreensão

mais abrangente do fenômeno investigado. Segundo os autores, “os métodos mistos permitem combinar a profundidade interpretativa da pesquisa qualitativa com a capacidade de generalização analítica da pesquisa quantitativa” (Creswell & Plano Clark, 2018, p. 5). Essa complementaridade amplia o potencial explicativo da pesquisa, desde que a integração entre os métodos seja planejada de forma rigorosa.

A integração analítica constitui, portanto, o elemento central dos métodos mistos. Não se trata apenas de utilizar diferentes técnicas de coleta de dados no mesmo estudo, mas de articular intencionalmente os resultados qualitativos e quantitativos em nível de interpretação. Creswell e Plano Clark (2018) afirmam que “a integração é o coração da pesquisa de métodos mistos” (p. 75, tradução nossa), podendo ocorrer em diferentes momentos do processo investigativo: no desenho da pesquisa, na coleta de dados, na análise ou na interpretação final dos resultados.

Entretanto, a literatura enfatiza que a adoção de métodos mistos exige planejamento metodológico rigoroso e clareza quanto ao papel de cada abordagem no alcance dos objetivos do estudo. A ausência dessa clareza pode resultar em estudos fragmentados, nos quais dados qualitativos e quantitativos coexistem sem diálogo analítico. Nesse sentido, Creswell e Plano Clark (2018) destacam a importância de explicitar o propósito da integração, seja ele a triangulação, a complementação, a explicação de resultados divergentes ou o desenvolvimento sequencial da investigação.

Tashakkori e Teddlie (2010) reforçam essa compreensão ao fundamentarem os métodos mistos em um pragmatismo epistemológico. Para os autores, o pragmatismo desloca o debate metodológico das dicotomias



tradicionais — qualitativo versus quantitativo — para a questão central da pesquisa: o que funciona para responder adequadamente às perguntas investigativas. Segundo afirmam, “o critério fundamental para a escolha metodológica não é a lealdade a um paradigma, mas a utilidade dos métodos para produzir respostas válidas e significativas” (Tashakkori & Teddlie, 2010, p. 13).

Nesse enquadramento, a integração metodológica passa a ser orientada menos por posicionamentos epistemológicos rígidos e mais por uma lógica problema-centrada, na qual métodos são selecionados e articulados em função das demandas analíticas do estudo. Essa abordagem é particularmente relevante em pesquisas aplicadas e em estudos organizacionais, nos quais se busca compreender simultaneamente padrões gerais e significados contextuais.

A literatura também destaca diferentes tipologias de desenho de métodos mistos, como os desenhos convergentes, explanatórios sequenciais e exploratórios sequenciais. Nos desenhos convergentes, dados qualitativos e quantitativos são coletados paralelamente e integrados na fase de análise; nos desenhos explanatórios sequenciais, dados quantitativos são coletados primeiro e aprofundados qualitativamente; e nos desenhos exploratórios sequenciais, a pesquisa qualitativa precede a quantitativa, orientando a construção de instrumentos ou hipóteses. Creswell e Plano Clark (2018) enfatizam que a escolha do desenho deve ser coerente com os objetivos do estudo e explicitada de forma transparente.

Outro aspecto central da integração analítica diz respeito à gestão de divergências entre resultados qualitativos e quantitativos. Tashakkori e

Teddlie (2010) argumentam que resultados discrepantes não devem ser vistos como falhas metodológicas, mas como oportunidades analíticas para aprofundar a compreensão do fenômeno. Para os autores, “as discrepâncias entre dados podem revelar dimensões ocultas da realidade investigada, exigindo interpretações mais sofisticadas” (Tashakkori & Teddlie, 2010, p. 114). Assim, a integração analítica envolve não apenas convergência, mas também diálogo crítico entre diferentes evidências.

A literatura contemporânea também alerta para os desafios operacionais e analíticos dos métodos mistos, como a maior complexidade do desenho, a necessidade de competências metodológicas ampliadas e o aumento das exigências de tempo e recursos. Apesar disso, estudos indicam que, quando bem planejada e executada, a pesquisa de métodos mistos produz análises mais robustas, interpretações mais ricas e contribuições teóricas mais abrangentes.

Em síntese, os métodos mistos e a integração analítica representam uma evolução significativa na análise e produção de pesquisa contemporânea. Ao articular profundidade interpretativa e amplitude analítica, essas abordagens permitem enfrentar a complexidade dos fenômenos investigados de maneira mais consistente e teoricamente informada. Contudo, a literatura converge ao afirmar que o potencial dos métodos mistos depende fundamentalmente da clareza do desenho de pesquisa, da intencionalidade da integração e do rigor analítico com que dados qualitativos e quantitativos são articulados ao longo de todo o processo investigativo.

### **Produção acadêmica e comunicação científica**

A produção de pesquisa culmina na comunicação científica, etapa constitutiva — e não meramente final — do processo investigativo, por meio da qual o conhecimento produzido é submetido ao escrutínio da comunidade acadêmica, validado intersubjetivamente e incorporado ao corpo cumulativo da ciência. A literatura contemporânea reconhece que a escrita acadêmica não se limita ao relato de procedimentos e resultados, mas desempenha papel ativo na construção, refinamento e explicitação do pensamento científico.

Booth, Colomb e Williams (2016) argumentam que escrever cientificamente implica organizar problemas, evidências e argumentos de forma lógica e persuasiva, orientada por questões de pesquisa claras e por uma contribuição teórica explícita. Para os autores, “escrever não é apenas registrar o que já sabemos, mas um meio fundamental de descobrir o que realmente pensamos” (Booth et al., 2016, p. 40). Essa afirmação destaca que a escrita acadêmica é parte integrante do processo analítico, pois obriga o pesquisador a clarificar pressupostos, testar coerência argumentativa e articular dados empíricos com referenciais teóricos.

Nessa perspectiva, a comunicação científica atua como um dispositivo epistemológico, no qual análise e interpretação são aprofundadas por meio da linguagem. Ao estruturar argumentos, o pesquisador revisita decisões metodológicas, reexamina interpretações e fortalece a consistência interna do estudo. Booth et al. (2016) enfatizam que a qualidade da pesquisa está diretamente relacionada à clareza com que o problema é formulado, as evidências são apresentadas e as inferências são justificadas. Assim, escrever bem não é apenas uma habilidade retórica, mas um componente central do rigor científico.

A literatura também ressalta que a comunicação científica é um ato social e normativo, regulado por convenções discursivas específicas de cada comunidade acadêmica. Swales (1990) demonstra que gêneros acadêmicos, como artigos científicos, dissertações e teses, seguem padrões retóricos relativamente estáveis, que orientam a apresentação de objetivos, métodos, resultados e discussões. Dominar essas convenções é condição essencial para que o conhecimento produzido seja compreendido, avaliado e reconhecido como válido pela comunidade científica.

Belcher (2019) amplia essa discussão ao enfatizar que a produtividade acadêmica e a publicação científica exigem planejamento estratégico, clareza argumentativa e compreensão das expectativas dos periódicos e dos públicos-alvo. Segundo a autora, “publicar não é apenas escrever bem, mas escrever de forma alinhada às conversas acadêmicas em andamento” (Belcher, 2019, p. 18). Isso implica situar o estudo em debates teóricos relevantes, explicitar sua contribuição original e dialogar criticamente com a literatura existente.

Além disso, Belcher (2019) argumenta que a escrita acadêmica deve ser compreendida como um processo iterativo, que envolve múltiplas versões, feedbacks e revisões. A produção científica de qualidade raramente emerge de um único esforço linear; ao contrário, ela se desenvolve por meio de ciclos sucessivos de escrita, leitura crítica e reescrita. Esse processo contribui para o amadurecimento teórico do pesquisador e para o aprimoramento da argumentação científica.

Outro aspecto central da comunicação científica contemporânea é o compromisso ético com a transparência e a integridade do conhecimento produzido. A escrita acadêmica deve explicitar procedimentos metodológicos,

critérios analíticos e limitações do estudo, permitindo que outros pesquisadores compreendam, avaliem criticamente e, quando pertinente, repliquem ou aprofundem a investigação. Nesse sentido, a comunicação científica está intrinsecamente ligada aos princípios de rigor, validade e responsabilidade social da pesquisa.

A literatura recente também enfatiza que a comunicação científica não se restringe aos periódicos acadêmicos tradicionais. Cresce a valorização da difusão ampliada do conhecimento, por meio de relatórios técnicos, documentos de políticas públicas, materiais de divulgação científica e outros formatos que ampliam o impacto social da pesquisa. Contudo, mesmo nesses formatos, os princípios fundamentais da escrita científica — clareza, coerência, fundamentação teórica e ética — permanecem centrais.

Em síntese, a produção acadêmica e a comunicação científica configuram-se como dimensões indissociáveis da análise e produção de pesquisa. Escrever cientificamente é simultaneamente analisar, interpretar e comunicar, integrando dados empíricos, teoria e argumentação em um texto coerente e socialmente validável. A literatura contemporânea converge para a compreensão de que a qualidade da pesquisa não se expressa apenas na sofisticação metodológica ou na originalidade dos achados, mas também na capacidade do pesquisador de comunicar o conhecimento de forma clara, ética, teoricamente informada e relevante para a comunidade científica e para a sociedade.

### **Integração da trajetória pessoal e ministerial: Análise e Produção de Pesquisa na Trajetória de Vida e no Doutorado**

O desenvolvimento desta competência, Análise e Produção de Pesquisa, representa um dos eixos mais significativos de amadurecimento intelectual, ministerial e formativo ao longo da minha trajetória. Diferentemente de competências predominantemente práticas, essa dimensão foi sendo construída de forma gradual, a partir da articulação entre curiosidade intelectual, reflexão crítica sobre a prática e, mais recentemente, pelo aprofundamento metodológico e epistemológico promovido pelo doutorado. Trata-se, portanto, de uma competência que não emerge de um único momento formativo, mas se consolida no diálogo contínuo entre experiência, teoria e investigação sistemática.

Foi, contudo, durante o período do doutorado que essa competência foi aprofundada de maneira intencional, consciente e metodologicamente estruturada. A elaboração de projetos de pesquisa científica em nível de pós-graduação exigiu o desenvolvimento de habilidades analíticas rigorosas, como a formulação de problemas de pesquisa relevantes, a delimitação de objetivos claros e a construção de marcos teóricos consistentes. Esse processo evidenciou que a pesquisa não é apenas um exercício técnico, mas uma prática intelectual que demanda clareza epistemológica, coerência teórica e responsabilidade ética (Maxwell et al., 2018).

A condução de pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise documental, representou um espaço privilegiado de aprendizagem aplicada. Ao ouvir líderes voluntários, observar práticas formativas e analisar documentos institucionais, aprofundei a compreensão de que o conhecimento emerge da interação entre pesquisador e campo, e não de uma postura distante ou neutra. Essa

experiência dialoga diretamente com os pressupostos da pesquisa qualitativa interpretativa, que compreende os fenômenos sociais como construídos a partir de significados, narrativas e relações (Denzin & Lincoln, 2018).

A aplicação de técnicas de análise de conteúdo, envolvendo codificação, categorização e interpretação de dados, contribuiu significativamente para o desenvolvimento do pensamento analítico e da capacidade de síntese. O contato com métodos sistemáticos de análise evidenciou que rigor metodológico e sensibilidade interpretativa não são dimensões opostas, mas complementares. Conforme destaca Bardin (2016), a análise de conteúdo possibilita transformar dados brutos em categorias analíticas capazes de revelar padrões, sentidos e estruturas subjacentes às práticas sociais, fortalecendo a validade e a profundidade interpretativa da pesquisa.

A produção de capítulos de dissertação/tese e relatórios científicos, fundamentados teoricamente, consolidou a articulação entre análise empírica e referencial conceitual. Esse processo exigiu o desenvolvimento de competências de escrita acadêmica, argumentação lógica e diálogo crítico com a literatura, reforçando a compreensão de que produzir pesquisa implica comunicar conhecimento de forma clara, ética e socialmente relevante. A escrita acadêmica, nesse sentido, tornou-se não apenas um meio de divulgação, mas um espaço privilegiado de reflexão e reorganização do pensamento (Booth et al., 2016).

Por fim, a participação em grupos de pesquisa e eventos acadêmicos fortaleceu minha identidade como pesquisador-praticante. Esses espaços ampliaram o repertório teórico, promoveram trocas interdisciplinares e

estimularam a reflexão contínua sobre a relação entre pesquisa, liderança e prática ministerial. A literatura contemporânea enfatiza que comunidades acadêmicas e grupos de pesquisa desempenham papel central na formação de pesquisadores, ao favorecer aprendizagem situada, validação social do conhecimento e desenvolvimento intelectual contínuo (Wenger, 1998; McCauley & Palus, 2021).

À luz dessas experiências e dos referenciais teóricos mobilizados ao longo desta competência, compreendo hoje que pesquisa e reflexão constituem dimensões inseparáveis da liderança responsável e da tomada de decisão ética. A pesquisa oferece dados, evidências e análises que qualificam a ação; a reflexão transforma essas informações em aprendizado, discernimento e sabedoria prática. Integradas, essas dimensões permitem que líderes e organizações atuem de forma mais consciente, adaptativa e alinhada às demandas de contextos complexos e em constante transformação.

Em síntese, o desenvolvimento desta competência expressa a convergência entre trajetória pessoal, prática ministerial e aprofundamento acadêmico rigoroso. Durante o doutorado, essa competência foi consolidada como fundamento estruturante da minha atuação como líder e pesquisador, reforçando a convicção de que liderar, no mundo contemporâneo, exige não apenas sensibilidade pastoral e capacidade relacional, mas também pensamento crítico, análise sistemática e compromisso com a produção de conhecimento relevante. Trata-se de uma competência em permanente construção, que continuará orientando minha prática profissional, acadêmica e ministerial, na busca por decisões mais fundamentadas, ações mais conscientes e lideranças mais humanas e transformadoras.



## Referências

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (Edição revista e ampliada). São Paulo, SP: Edições 70.

Belcher, W. L. (2019). *Writing your journal article in twelve weeks: A guide to academic publishing success* (2nd ed.). Chicago, IL: University of Chicago Press.

Booth, W. C., Colomb, G. G., & Williams, J. M. (2016). *The craft of research* (4th ed.). Chicago, IL: University of Chicago Press.

Braun, V., & Clarke, V. (2021). *Thematic analysis: A practical guide*. London, UK: SAGE.

Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2018). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (5th ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE.

Creswell, J. W., & Plano Clark, V. L. (2018). *Designing and conducting mixed methods research* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE.

Finlay, L. (2002). Negotiating the swamp: The opportunity and challenge of reflexivity in research practice. *Qualitative Research*, 2(2), 209–230.  
<https://doi.org/10.1177/146879410200200205>

Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills, CA: SAGE.

Saldaña, J. (2016). *The coding manual for qualitative researchers* (3rd ed.). London, UK: SAGE.

Saunders, M., Lewis, P., & Thornhill, A. (2019). *Research methods for business students* (8th ed.). Harlow, UK: Pearson Education.

Swales, J. M. (1990). *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Tashakkori, A., & Teddlie, C. (2010). *Mixed methodology: Combining qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks, CA: SAGE.

Tracy, S. J. (2020). Qualitative quality: Eight “big-tent” criteria for excellent qualitative research. *Qualitative Inquiry*, 26(8), 837–851.  
<https://doi.org/10.1177/1077800419883120>

## Artefatos

Experiências Passadas	Experiências Planejadas	Documentos/ Artefatos
1. Graduação em Teologia	1. Elaboração de projetos de pesquisa científica em nível de pós-graduação (Doutorado).	1. Diploma de Teologia (UNASP/INTA)
2. MBA Liderança	2. Condução de pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise documental	2. Certificado de Pós-graduação em Liderança
3. Mestrado em Liderança	3. Aplicação de técnicas de análise de conteúdo para codificação, categorização e interpretação de dados.	3. Certificado de Mestrado em Liderança
	4. Produção de capítulos de dissertação/tese e relatórios científicos fundamentados teoricamente.	4. Projetos de pesquisa aprovados (pré-projeto, projeto qualificado e versão final).
	5. Desenvolvimento e publicação de artigos científicos em periódicos qualificados, derivados da pesquisa doutoral.	5. Instrumentos de pesquisa (roteiros de entrevista)
	6. Participação em grupos de pesquisa, congressos científicos e eventos acadêmicos.	6. Banco de dados qualitativos (Atlas.ti - transcrições, códigos e categorias).
		7. Artigo acadêmico

## Documentos / Artefatos

### 1. Diploma de Teologia

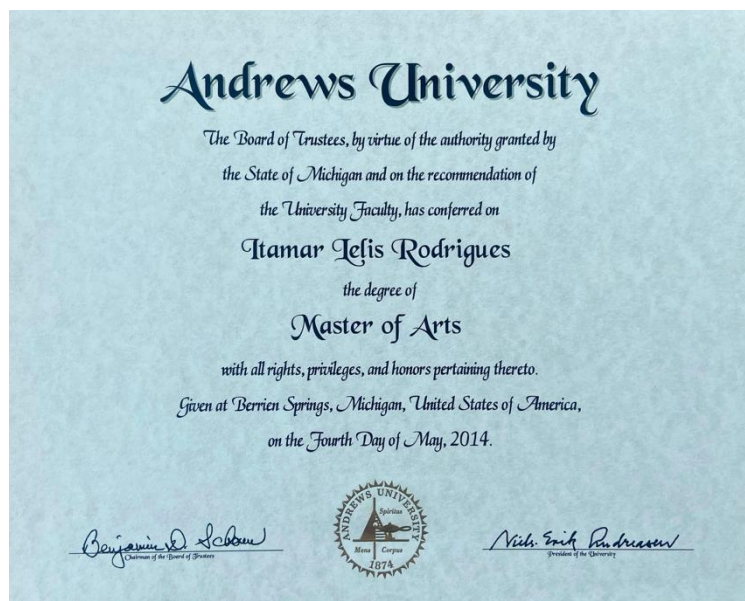




## 2. Certificado de Pós-graduação em Liderança



## 3. Certificado de Mestrado em Liderança



## 4. Projetos de pesquisa aprovados (pré-projeto, projeto qualificado e versão final).



### School of Education Master Leadership Program

#### TÍTULO

PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE LÍDERES VOLUNTÁRIOS EM COMUNIDADES RELIGIOSAS EM UMA  
REGIAO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

por

Itamar Lelis Rodrigues

Orientadora: Dr. Everson Mückenberger

## 5. Instrumentos de pesquisa (roteiros de entrevista)

PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE LÍDERES VOLUNTÁRIOS EM  
COMUNIDADES RELIGIOSAS EM UMA REGIAO NO ESTADO DO  
ESPÍRITO SANTO

#### Roteiro de Entrevista

##### 1. Introdução e Contextualização

- Apresentação do entrevistado e da pesquisa.
- Explicação sobre o objetivo da entrevista e garantia de confidencialidade.
- Obtenção do consentimento para gravação da entrevista.

##### 2. Perfil do Entrevistado

1. Nome ou pseudônimo:
2. Função ou cargo na comunidade religiosa:
3. Tempo de atuação como líder voluntário:
4. Formação educacional:
5. Frequência e tipo de treinamento recebido:

##### 3. Questões Relativas às Práticas de Formação

1. Como você descreveria as práticas de formação oferecidas pela denominação religiosa?
  - Existem treinamentos específicos? Quais são eles?
  - Participou de workshops, seminários ou mentorias?
  - Como você avalia a frequência e a qualidade desses treinamentos?
2. Quais dessas práticas você considera mais úteis e por quê?
  - Alguma prática foi especialmente marcante ou eficaz?
3. Há algo que você sente que falta ou que poderia ser melhorado nessas práticas?

##### 4. Objetivos dos Programas de Formação

1. Na sua opinião, quais são os principais objetivos das práticas de formação de líderes na sua denominação?
  - Como esses objetivos estão alinhados à missão da igreja?

2. Você acredita que esses objetivos são claros e atingíveis? Por quê?

##### 5. Percepção sobre Aprendizado e Desenvolvimento

1. Quais aprendizados você considera que mais influenciaram sua atuação como líder?
  - Pode compartilhar um exemplo prático?
2. Como você avalia o impacto desses treinamentos no desenvolvimento de suas habilidades e competências?
  - Quais habilidades foram mais desenvolvidas (ex.: inteligência emocional, comunicação, administração da igreja, resolução de conflitos)?
3. Quais são os maiores desafios que você enfrenta em sua função como líder voluntário?
  - Os treinamentos ajudam a enfrentar esses desafios?

##### 6. Obstáculos para Novos Voluntários

1. Na sua opinião, quais são os maiores empecilhos para que novos voluntários aceitem funções de liderança?
  - Aspectos pessoais, organizacionais ou espirituais?
2. O que poderia ser feito para incentivar mais voluntários a assumirem essas funções?

##### 7. Sugestões e Considerações Finais

1. Se você pudesse sugerir mudanças ou melhorias no processo de formação, o que recomendaria?
2. Há algo mais que gostaria de compartilhar sobre sua experiência como líder voluntário ou sobre o tema?



6. Banco de dados qualitativos (Atlas.ti - transcrições, códigos e categorias).

ATLAS.ti

QUALITATIVE DATA ANALYSIS

Qualitative Research:  
Coding & Thematic Analysis  
Using Atlas.ti

Projeção de palavras

1 Transcrição\_Finalizada... 98

2 Transcrição\_Finalizada... 38

3 03\_Transcrição Editad... 55

4 04\_Transcrição Editad... 55

5 05\_Transcrição Editad... 61

6 06\_Transcrição Editad... 33

7 07\_Transcrição Editad... 72

8 08\_Transcrição Editad... 71

9 09\_Transcrição Editad... 37

10 10\_Transcrição Editad... 45

11 11\_Transcrição Editad... 33

12 12\_Transcrição Editad... 34

13 13\_Transcrição Editad... 66

14 14\_Transcrição Editad... 59

15 15\_Transcrição Editad... 82

Palavras

liderança pessoas esse voz as igreja o os líderes aristas uma forma

Pesquisa Dourado

Transcrições\_Finalizada\_Entrevistado\_01\_Yanessa.docx

15\_Transcrição Editada\_Entrevistado 15 (Luizinho).docx

Costumo dizer na classe de Escola Sabatina: "Quantas linhas da Bíblia você leu nesta semana e quantas mensagens no WhatsApp?" — e as pessoas percebem o contraste. Vivemos um excesso de informação que nos distrai das prioridades espirituais.

Entrevistado [42:37] De fato, vivemos uma era de sobrecarga informacional.

Entrevistado Exatamente. Estamos constantemente sendo bombardeados por informações, muitas delas irrelevantes, e isso prejudica nossa capacidade de foco e aplicação prática. A mente fica saturada e, sem perceber, perdemos tempo com distrações que nada acrescentam.

Entrevistado Ou seja, não filtramos nada?

Entrevistado Isso mesmo — não filtramos nada.

Entrevistado E isso acaba contribuindo para a sensação de que o tempo passa mais rápido?

Entrevistado [43:10] Sim. As vezes pegamos o celular para ver algo rápido e, quando percebemos, se passaram 30 ou 40 minutos. Isso se tornou um desafio real. É difícil manter a concentração, e o mundo digital tornou-se um ambiente de distração permanente.

Tenho dúvidas se os materiais digitais são sempre a melhor solução. Muitas pessoas — inclusive eu — acabam se distraindo durante a uso. Penso que avaliar isso é um

Desmotivação (2): Excesso de informação

Desmotivação (2): Reflexão espiritual

Relacionamentos pessoais: Prioridades pessoais

Desmotivação (2): Distrações

Desmotivação (2): Saturação mental

Propósito espiritual: Foco

Propósito espiritual: Sobrecarga informacional

Desmotivação (2): Fluxo de consciência

Percepção de pressão: Percepção do tempo

Desmotivação (2): Dificuldade de concentração

Desmotivação (2): Distração

Engajamento comunitário: Impacto da tecnologia

Desmotivação (2): Autoconsciência

Desmotivação (2): Distrações

Engajamento comunitário: Efeito das tecnologias

7. Artigo acadêmico

I Congresso Sul-Americano de Liderança Adventista

LIDERANÇA ESPIRITUAL  
E MISSÃO

UNASP

Andreas University

TÍTULO: PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE LÍDERES  
NO TERRITÓRIO DA ASSOCIAÇÃO SUL ESPÍRITO  
SANTENSE DA IASD

Nome do Autor: Itamar Lelis Rodrigues

Orientador: Dr. Everson Mückenberger